

Da velha casa em que a manhã da vida
passei – conservo uma lembrança exata:
antes de eu vir ao mundo foi erguida
perto da serra, quase ao pé da mata.

Como a ave que volta ao ninho antigo
depois de um longo e tenebroso inverno,
eu quis também rever o lar paterno,
o meu primeiro e virginal abrigo.

Ama-me por amor do amor somente,
não digas: “*Amo-a pelo seu olhar,
o seu sorriso, o modo de falar
honesto e brando. Amo-a porque se sente*

Dá para o sul a frente enegrecida;
ao lado, para um poente de escarlata,
janelas donde, na estação florida,
se aspira o cheiro dos jasmims de prata.

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,
o fantasma talvez do amor materno,
tomou-me as mãos, – olhou-me, grave e terno,
e, passo a passo, caminhou comigo.

*minha alma em comunhão constantemente
com a sua.”* Porque pode mudar
isso tudo, em si mesmo, ao passar
do tempo, ou para ti unicamente.

Perto, o bambual em cujo seio amigo
cantam graúnas, e o pomar antigo
com melros, tiés e gurundis em bando.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
em que da luz noturna à claridade
minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Nem me ames pelo pranto que a bondade
de tuas mãos enxuga, pois se em mim
secar, por teu conforto, esta vontade
de chorar, teu amor pode ter fim!

O ribeirão, o cafezal, a horta...
Ah! que saudade o coração me corta
do lar querido que deixei chorando!

jorrou-me em ondas... Resistir quem há-de?
Uma ilusão gemia em cada canto,
chorava em cada canto uma saudade.

Ama-me pelo amor do amor, e assim
me há de querer por toda a eternidade.

Gustavo Teixeira (1881/1937), Casa Paterna;
em Estro Nº 67

Luís *Caetano Pereira* Guimarães Júnior (1845/1898),
Visita à Casa Paterna; em *Grandes Sonetos da Nossa Língua*,
de José Lino Grünwald, 1988

Miss Barrett (*Elizabeth Barrett* Browning, 1806/1861),
Soneto; em *Obras Primas da Poesia Universal* (3ª Edição
1963), de Sérgio Millet *da Costa e Silva* (1898/1966)

A um passo do passado
teus traços
presente do futuro.

Alice Ruiz, Estreláurea;
em Meriti Fazendo Arte 9802

Bauru... deste nosso amor,
nesta data, damos prova;
ao te saudar com fervor
nos quatro versos da trova!

Antonio Valentim Rufatto, em
Sem Limites 9708

Pai... a tua ausência eterna,
por mais que ainda me açoite
não mata a lembrança terna
de um beijo de “boa noite”!

Renata Paccola, em Fanal 9908

Mui dos óio verde tem perigo.
Lôro-lum luá.

O patrãozinho
que tinha coisa-escondida com uma moça de olhos verdes
ria-se da bobagem dos negros.

Mas um dia
atrás de uma porteira
mataram o patrãozinho.

– Quem foi? – Quem foi? – Ninguém sabia.
Então foi aquele negro que vinha tocando a tropa.

– Foi você! Foi você!
– Não fui, não sinhô.

O negro tremia e jurava
mas nada ajudou, coitado!
Foi enforcado na estrada da vila.

Era tarde. Chovia.
O corpo ficou batendo numa timbaúva.

Meia légua adiante fica a serra
Serra do Balalão
assombrada.
Em noite escura
os cargueiros começam a subir o perau
passo a passo
bem belém
não vem ninguém ninguém.
– Olha que vem.

Vem
lá do outro lado
o negro.
Desce da timbaúva
pisando
num passo-pilão.
Pum. Pum. Pum.

A sombra vai crescendo.

Quando chega na serra
está da altura da serra.

Então a tropa volta depressa batendo cangalhas
e some-se lá adiante numa curva da estrada.

Diz que de vez em quando
ouve-se um imenso ai-ai se estrangulando no matc:
– Não fui eu!

Bate a porteira da tocaia: pá!

Essa pancada seca
ouve-se por todo o Brasil.

Raul Bopp (1898/1984), Serra do Balalão;
em *Obras Primas da Poesia Universal* (3ª Edição 1963),
de Sérgio Millet *da Costa e Silva* (1898/1966)

Bandarra, *Gonçalo Eanes* poeta popular português
(Trancoso c. 1500 - id. 1556?), um dos primeiros
escritores vítimas da Inquisição (1541). Suas trovas,
de grande sucesso popular e consideradas uma
espécie de evangelho do sebastianismo, revelam a
crise de Portugal e de seu povo no séc. XVI. Proibi-
das no país, foram publicadas em Paris (1603), com
o título de *Paráfrase e concordância de algumas
profecias de Bandarra, sapateiro de Trancoso*.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1998

Seleção Olga Amorim

Só merece a musa
o poeta que ousa
querer ver uma deusa
por dentro da blusa.

Beatriz Azevedo,
em Meriti Fazendo Arte 9903

Duvidar ninguém se atreve
que além de muito importante,
a vida fica mais leve
quando o sorriso é constante.

Analice Feitoza de Lima, em Fanal 9808

Tão tranqüila a sala
a tarde caminha lenta impune
portas fechadas
ressoam vozes
lá fora
um telefone jamais chama

talvez chova ainda hoje
mas agora
nenhum risco ou relâmpago
posso dormir neste barco
há árvores à margem sombreando o rio
é tão tranqüila a sala
na tarde seguindo lenta
e vibra
ardente
como uma palma de mão
aqui descanso do sim e do não.

Eunice Arruda, Tão Tranqüila; de Risco, 1998

Na vida sobe-se, às vezes,
outras vezes só caminhamos
algumas vezes se cai
na subida há muitos amigos
na caminhada há companhias
na descida só há um...
O pai...

João Saochuk, Ao Meus Saudoso Pai, em
Versos Diversos – Coletânea CPAC, 1999

Velha cabeça, onde os dedos
da ilusão tocam de leve,
és o outono dos segredos
que o inverno cobriu de neve!

José Messias Braz, em Trovaregre 0007

Se agosto é mês do desgosto,
então me dê seus porquês,
pois nesse mês fica exposto
todo o florir dos ipês!

Manoel F. Menendez

Saudade no coração
é como pomba ferida...
Fica no canto arrulhando,
sem ter olhos para a vida!

Mário Marinho – Poeta de Peso,
em BI UBT 9807

Quem não conhece o Bandarra
do Conselho de Trancoso?
Sou vinho com pouca parra
quero tornar-me famoso.

No rótulo do vinho de mesa branco
importado Terras de Bandarra, colheita 97.

Bandarra s.m. Homem vadio,
mandrião. **Bot. Sin.**
de BAQUERUBU.

As últimas flores
da paineira

promessa paina
branco voando

da paineira
as últimas flores

paina travesseiro
macio abafando

o sonho do outono
as últimas flores.

Eunice Arruda,
À Beira (VII);
de À Beira, 1999

Cessem as brigas, guerreiros,
pois nos futuros milênios
serão heróis verdadeiros
somente os santos e os gênios!

Antonio Augusto de Assis, em
Anexo Elos Clube, BI UBT SP 0005

Hoje a vida em seus desvelos
troca em nome da ilusão
o luar dos meus cabelos
pelo sol do coração.

Antônio Bispo dos Santos,
em Trovaregre 0007

Quem na mentira baseia
seus atos, buscando a fama,
constrói castelos de areia,
sobre alicerces de lama!

Antonio Juraci Siqueira, em
Sem Limites 9804 e BI UBT SP 9808

Ainda resiste.
Do rio, a água é apenas um fio...
A esperança insiste.

Cyro Armando Catta Preta, Residual;
de Palhas do Tempo, 1993

Uma bomba de luares
e uma cuia de afeição...
Eis as formas singulares
de se tomar chimarrão.

Delcy Canalles, em Fanal 9808

Bodas de Ouro... Percorridos
caminhos de paz e brilho.
São três corações unidos:
eu, você e o nosso filho...

Djalda Winter Santos, Bodas de Ouro
de Djalda e Walter – 000527

Por mais que a vida se oponha,
traze os sonhos junto a ti,
porque aos olhos de quem sonha,
o infinito... é logo ali!

Edmar Japiassô Maia

Não pisco os olhos ao vê-la,
para não correr o risco
de por momentos perdê-la,
a cada instante em que pisco.

Orlando Brito

Coração
PRA CIMA
escrito em baixo
FRÁGIL.

Paulo Leminski *Filho*
(1944/1989); em
Meriti Fazendo Arte 9802

Por fora, um rosto sisudo;
por dentro, se a gente visse,
aquele ser carrancudo
era um lago de meiguice.
Maria Eulália, em Trovaregre 0007

A minha voz eu levanto
num desabafo e clamor:
se amor livre existe tanto
por que falta tanto amor?
Miguel J. Malty, em Estro Nº 67

Que genrího inteligente,
bebeu uma vez na vida.
Viu duas sogras na frente
nunca mais topou bebida.
Elton Carvalho, em
BI UBT Magé 9806

A vida, por seus atalhos
e caminhos infelizes,
cortou todos os meus galhos,
mas nunca as minhas raízes...
Benny Silva, em CPAC 9910

O poder, quando se exerce,
com displicência e omissão,
rói aos poucos o alicerce
que sustenta uma nação.
Miguel Russowsky, em Fanal 9808

Os noivos fazem questão
de ter as mãos sempre unidas
– é fácil unir as mãos,
difícil é unir as vidas...
Aparício Fernandes, em
Milênio 0003

Não crês porque não vês. É a dúvida secreta;
a eterna que te enleia:

– a sombra pode ver o corpo que a projeta,
mas nunca a luz que a cria.

Guilherme de *Andrade* e Almeida,
Estância – Sobre a Dúvida, em *Obras Primas
da Poesia Universal*, de Sérgio Millet

À dor, minha constante companheira,
votei íntimos laços de amizade.

Se hoje encetasse a estrada das venturas,
Crede, talvez morresse de saudade...

Wenceslau Moraes – Macau, 12.05.1894

Wenceslau *José de Souza* Morais (1854/1929), de
Dai-Nippon; O Grande Japão, Edição de 1983 (1ª Edição 1897)

La culminación de la tortura habitual era a los 18 años,
y cuando se decidió reiterar el Holocausto
iniciaron la guerra y la anunciaron por todos los ámbitos
al grito de “Vivan los padres” (Viva la Patria),
que ocultaba la profunda y siniestra realidad “Mueran los hijos”.
Y cuando en el infierno sacralizado murieron miles de hijos,
y otros miles volvieron
interrumpieron transitoriamente el matadero,
pero siguieron proclamando “Vivan los padres” (Viva la Patria),
que ocultaba la siniestra y profunda incitación a matar a los hijos.
Así eran mantenidos esclavizados y aterrizados
al son de otro grito paralelo,
“Subordinación y valor”,
para asesinarlos en la futura guerra.
El grito es arcaico y viene desde lejos
desde Urano, Cronos y Tántalo,
desde Abraham e Isaac,
desde Nemrod y Herodes,
desde Aun y Odín.
Desde siempre.

Arnaldo Rascovsky, Holocausto; em Guerra e Morte, de Gley P. Costa, 1988

Num dos pratos da balança – o corpo –
no outro – papel moeda.

Não estranhes o equilíbrio,
as cifras ainda pesam como chumbo.

José Paulo Moreira da Fonseca, A Prostituta; em Milênio 0005

Oh! não insulteis nunca uma mulher perdida!
Quem sabe qual o transe em que ela foi vencida?
Quem sabe se foi longo o seu combate rude,
entre as mil privações que assaltam a virtude?
Se o vento das paixões soprou com violência,
quem já viu a mulher, que prendia a inocência
nas pequeninas mãos cruzadas sobre o seio,
não ir no turbilhão, gritando, com receio?...
Tal a gota de chuva, – pérola da rama: –
brilha ao passar do vento, oscila e cai na lama!

A culpa é nossa; é tua, ó rico! é do teu ouro!
Mas, no lodo é que o mar esconde o seu tesouro...
Para que o pingo d’água erga-se da poeira,
com o vivo esplendor e a limpidez primeira,
já que as transformações se operam pra melhor,
dai-lhe um raio de sol! dai-lhe um raio de amor!

Victor *Marie* Hugo (1802/1885), Oh! Não insulteis...
tradução Mício *Cérola* Lopes Teixeira (1857/1926),
em *Obras Primas da Poesia Universal* (3ª Edição 1963),
de Sérgio Millet *da Costa e Silva* (1898/1966)

KIDAIS DE INVERNO

Acende-se o fogo, e ela pula de calor. Pipocas! Pipocas! Agostinho José de Souza	Cherinho de bolo, muitos presentes, abraços: é Dia dos Pais. Edel Costa	Entre a poeta deitou da vaquejada olhos ao longe. Larissa Lacerda Menendez
Pio solitário... alguém diz que é mau agouro. Coruja nem sabe...	Caboco robusto! Na vaquejada que corre garrote teimoso.	Ante o amor-perfeito, lindos amores perfeitos. Nos dois... o arco-íris. Leonilda Hilgenberg Justus
Alba Christina	Fernando Ribeiro da Cruz	Contemplo o parque. O inverno brinca de roda entre folhas secas. Maria de Jesus B. de Mello
O inverno chegou. Esta praia está deserta. É praia de inverno.	Fila de lembranças acarinhando saudades, no Dia dos Pais.	Na banca da feira o apim de estufa saudades da roça. Nilton Manoel
Albertina C. G. dos Santos	Fernando Vasconcelos	Bolo de apim acompanha um café forte depois do churrasco. Olga Amorim
Na noite não fria, passatempo predileto: uma vaquejada!	meninos gritam na estrada: – Morangos! Morangos!	Bichinho-do-pé entrou bem no meu dedinho cocoeira gostosa! Olga dos Santos Bussade
Alda Corrêa M. Moreira	Guim Gá	Um rio minguante, pássaros sobre o barranco. Um rio minguante.
Uma água barrenta, pássaros sobre o barranco. Um rio minguante.	O rio minguante, corta terras, vai morrendo... Nascente, não sente!	Helvécio Durso
Analice Feitosa de Lima	Haroldo R. de Castro	Chamas da fogueira aquecendo o pessoal. Rigoroso inverno.
Em cima bonitos; mas os de baixo, amassados. Caixa de morangos.	Um plástico preto sobre um canteiro verdinho, esconde os morangos.	Chamas da fogueira aquecendo o pessoal. Rigoroso inverno.
Carlos Roque B. de Jesus	Helvécio Durso	Chamas da fogueira aquecendo o pessoal. Rigoroso inverno.
Cecy Tupinambá Ulhã	Humberto Del Maestro	Chamas da fogueira aquecendo o pessoal. Rigoroso inverno.
Nésparas maduras... O menino no telhado alça do vizinho...	Urubu por perto carniça mal cheirosa meu cavalo morreu...	Urubu por perto carniça mal cheirosa meu cavalo morreu...
Cicero Campos	Joana de Toledo Machado	Sandra Parana
Acesa, a fogueira, pipoca... batata-doce... dança no terreiro!	Garoa insistente: o céu, imenso coador esprenhado a chuva.	Nos rudes currais a vaquejada reúne o gado disperso...
Débora Novaes de Castro	João Elias dos Santos	Santos Teodósio
Meu jardim branquinho parece um conto de fadas. Geou toda a noite... Djalda Winter Santos	Bailam ao luar, sobre a praia hibernal, as ondas bravias.	Pitanga causada até zanga com os passarinhos. Sérgio Serra



SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICAIS

Remeter até 30.08.00, kigos à escolha: **Brócolis, Correio Elegante, Dia do Pescador.**
Remeter até 30.09.00, kigos à escolha: **Alecrim, Batata doce, Quermesse.**

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo – palavra da sação (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidaí, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo. O haikai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez, Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132, 01150-011 - São Paulo, SP

- Preencher até três haicais, (veja kigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despacadamente normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos kigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
- Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Excusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICAIS EM FOLHA

Héron Patricio	Sardinha na rede	Num sorriso escancarado, mostra os seus dentinhos.	De verdeiro se enfiça com brincoes vermelhos...
Rebrilhando ao sol um cardume de sardinhas... Moedas no mar!...	De um pequeno estajo saltam brilhantes rubis... Romãs bem maduras.	De vestido verde	Dia da Saúde. Casal de idosos, sorrindo, saindo da clínica.
Hermoclydes S. Franco	Elen de Novais Felix	Héron Patricio	O estômago ronca, momento desesperado. Sardinha no prato!
Sardinhas pulando em fuga desesperada... grande peixe à vista.	No Dia de Reis, busca febril da romã... Rabo em pé, miados.	Cassio Caio Prados	Bem perto do barco... Sombra escura em movimento. Sardinhas na rede.
Anita Thomaz Folmann	Hermoclydes S. Franco	Manoel F. Menendez	Maria Reginato Labruciano
pende uma romã madura. Tal uma lanterna	pega uma sardinha fresca. Saude tem dia!	Entre frutas e verduras, idosos rosados...	Edmar Japiassu Maia
Maria Reginato Labruciano	Amália Marie G. Bornheim	Edmar Japiassu Maia	Lávia Lacerda Menendez
Com tanta sardinha, a garantia do pão... Pescador sorri...	Florescem romãs... Nas caixinhas de segredo, preciosos rubis!	Mas todo dia é saudada a um simples espirito!	Sardinha na brasa. Banquete no acampamento alegra o cansaço.
Ercy M. M. de Faria	Amália Marie G. Bornheim	Edmar Japiassu Maia	Lávia Lacerda Menendez
Do galho delgado... Tal uma lanterna	Entre frutas e verduras, idosos rosados...	Em vez de choro... sorrisos! – Dia da Saúde!	– No galho pend, rosada, não linda romã!
Maria Reginato Labruciano	Manoel F. Menendez	Maria Madalena Ferreira	Fernando Soares
Com tanta sardinha, a garantia do pão... Pescador sorri...	No clube entediado, belas danças portuguesas; sardinhas na brasa	Contas espalhadas. Furtaram colar na feira? Romãs pisoteadas...	Que cherinho bom! Estão fritando sardinhas. Obá! É lá em casa.
Elen de Novais Felix	Héron Patricio	Nadyr Leme Ganzert	Nadyr Leme Ganzert
Pescador, tarra!... Guri espanta o cardume. Salvam-se as sardinhas.	O olfato acusa, a relebrar a terrinha... Sardinhas na brasa.	Yedda Ramos Maia Patricio	Yedda Ramos Maia Patricio
Nadyr Leme Ganzert	Yedda Ramos Maia Patricio	um enxame de sardinhas caíndo na rede.	coração ritmo normal... idoso feliz.
Renata Paccola	Anita Thomaz Folmann	Renata Paccola	Romã sazonal, rachando, mostra seu bojo. Rubis sumarentos.

A UNIDADE NACIONAL

Permanece um enigma a transformação da América portuguesa em um só país chamado Brasil, enquanto a América espanhola se dividiu em numerosas nações. A luso-monarquia parlamentar e a afro-escravizada generalizada não bastam para explicar a unidade, embora não sejam elementos desprezíveis.

Ao longo das duas décadas que se seguiram à Independência, tanto a monarquia como a escravidão foram contestadas em rebeliões que poderiam redundar no esfalecimento da recém-

criada nação. Por que, como, quando, onde exatamente foram vencidos esses movimentos?

Quem vivia no Brasil do período regencial, por exemplo, não dormia com a certeza de que o país acordaria unificado e, em alguns lugares, sob controle dos brancos. Existem estudos sobre movimentos separatistas e/ou republicanos específicos e sobre a política imperial desde Pedro 1º, mas não uma obra ao mesmo tempo abrangente e profunda, com pesquisas feitas, articulada-

mente, no centro e nas diversas periferias do Império.

Pesquisa desse porte provavelmente demanda trabalho em equipe. Mas por que não? O importante é concordar sobre uma estratégia sistemática de levantamento de fontes comparáveis, a partir de um elenco de problemas a serem investigados e hipóteses a serem testadas, em torno da questão dispersão/unidade.

Seria um bom projeto sobre como e quando o Brasil realmente nasceu.

VIOLETAS AZUIS NA JANELA

Cecília de Almeida Leite Murayama, em Folha do Servidor Público da AFPESP 0002

A casa nem é minha, porém é como se fosse. Gosto dela. Modesta, pequena, mas acolhedora. Aqui eu costumava receber os netos nos fins de semana, quando a situação financeira o permitia e eles não estavam tão longe de mim.

Os móveis da salinha continuam no mesmo lugar. Bem, para dizer a verdade, devo contar que algumas das coisas já não estão ali. Por exemplo, falta o vaso de avencas, que vendi a uma amiga. Ela o achava um encanto e o dinheirinho que entrou contribuiu para que pudesse pagar a conta da luz.

Ah! Também me desfiz da mesinha de centro e da velha cadeira de balanço. Fiquei com um certo remorso na ocasião, mas as despesas da casa, por mais que eu aperte o cinto, todo mês superam a receita. O duro é que fiquei sem minhas coisas e nada melhorou.

Credo! Parece que estou construindo um novo muro das lamentações, justamente hoje, quando o anjo da esperança está por perto, embelezando aquilo que me restou. Até a saudade esta ficando bonita.

Sempre fui pessoa conformada, mas tenho, nos últimos tempos, navegado em mar revolto, sem condições de enfrentar as ondas que me apavoraram. Professora aposentada, é com certo

sentimento de revolta que todo mês entrego na imobiliária mais da metade dos meus vencimentos para pagar o aluguel da casa. Resta muito pouco para sobreviver. Mesmo assim a gente conseguia ser quase feliz, até que meu filho perdeu o emprego conquistado por mérito próprio e até então mantido com responsabilidade e competência. A firma faliu e nós nos tornamos um espelho da realidade brasileira.

Se falo no assunto, ou nele penso, sinto no peito uma dor fininha mas profunda. Claro! Na mesma hora me lembro da partida das crianças com a mãe para Minas. Esperávamos que as coisas por lá estivessem melhores, que o pequeno sítio dos avós maternos lhes fornecesse abrigo e pão.

Um dos garotinhos, aquele de cabelos encaracolados e, conforme dizem, com alma de poeta, antes de sair ficou parado perto da janela da salinha:

– Vó! Suas violetas azuis estão tristes! Não deixe que elas morram!

As pequenas flores logo cairam. Nunca mais vi outras violetas na janela.

Minha vida, como a da maioria dos brasileiros, ficou uma dureza. A violência no país atingiu

índices insuperáveis. Na minha opinião, principalmente por causa das drogas, que são vendidas até em escolas e em carrinhos de pipoca e de cachorro-queente. Além disso, machuca a gente sentir a insensibilidade e omissão de governantes, alheios ao crime que se organiza a olhos vistos, ao descontrolo geral, ao desrespeito à lei e às instituições.

O analfabetismo, a insegurança, o sadismo glorificado, o descaso em relação à educação e à saúde, o desemprego – monstro que chegou para implantar seu domínio tenebroso – vieram engrossar o cortejo de calamidades. Aliaram-se para balançar alicerces antes firmes.

Nunca mais preparei um bolo para o lanche ou comprei um par de sapatos. Nem eu queria, nem havia condições. Desinteresse total.

Mesmo assim, algumas vezes, me surpreendi tentando adivinhar qual seria a causa do desaparecimento de minhas violetinhas azuis.

Hoje, todavia, meu coração está batendo num ritmo diferente, quase como um sino de Natal: é que fui avisada, logo ao raiar desta manhã bonita, de que uma firma vai contratar meu filho. Emprego não tão bem remunerado quanto aquele que ele perdeu, mas, finalmente, um emprego.

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez				
Podemos chamar de trevo todos os <i>tercetos independentes</i> . ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ O trevo guilhermano rimava versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.	O trevo senryu é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.	O trevo haikai (haiku ou em espanhol jaiku) é sempre “ aqui e agora ” – não conceitual . O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!	O trevo haikai senryu (não filosófico), trevo haikai subtendido (<i>aborda a natureza sem situar a estação</i>); trevo haikai sazonal, poesia pura – (<i>o kigo, palavra da sação, define-a</i>).	Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipé, tal como a trova é simbolizada pela rosa!
O trevo senryu ou trevo à ocidental:	No jardim da vida plantamos e floresceu nosso amor-perfeito. Miguel J. Malty	Sem pôr defeito a todos amava, bobo... Amor perfeito! Guim Gá	O trevo haikai senryu ou trevo haikai personagem:	O trevo haikai subtendido ou trevo haikai sem sação:
	Xingamentos mútuos cobrindo todo o quintal amor-perfeito. Carlos Roque Barbosa de Jesus	Pintado no bule o ramo de amor-perfeito sorri para o sol... Darly O. Barros SF 9711	Delicada flor ornamentando o jardim. Eis o amor perfeito. Sueli Teixeira SF 9008	Catulos em alarido caudas em festa abanando amor perfeito... Nelson Brotto
			O trevo haikai sazonal :	
			A palavra <i>da sação</i> amor-perfeito (kigo) é o tema <i>da sação</i> inverno (kidaí).	
			A mão estendida. O amor-perfeito já murcho. Presente maior. Olíria Alvarenga SF 9701	
			Vidraça arriada, vasinho no peitoril... Amor-perfeito! Sergio de Jesus Luizato SF 9701	